

ENVOLVIMENTO E COMPROMISSO SOCIAL – UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

INVOLVEMENT AND SOCIAL COMMITMENT - EXPERIENCE OF DIFFERENTIATED EDUCATION

PARTICIPACIÓN Y COMPROMISO SOCIAL - EXPERIENCIA DEL EDUCACIÓN DIFERENCIADA

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria¹, Natália Freitas Dantas², Mônica Mota Tassigny³, Antônio Jackson Alcântara Frota⁴

RESUMO

Este artigo é o resultado da parceria do Projeto de Extensão Novas Cores (NUCEPEC-UFC) com um Centro de Educação de Crianças e Adolescentes de um bairro de Fortaleza, que consistiu na realização de dez oficinas, com média de uma hora e meia de duração com adolescentes entre 13 a 18 anos. O objetivo foi discutir os Direitos Fundamentais do Estatuto da Criança e do Adolescente. Foram abordados os direitos à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer e à cultura. Dentre os temas citados, o “Direito à Cultura” foi explorado de forma mais específica a partir de uma atividade de campo junto aos grupos artísticos. A proposta foi fundamentada na perspectiva teórica de Paulo Freire e Carl Rogers no que se refere ao

diálogo, à educação e ao conceito de realidade.

Realça-se que o principal resultado deste trabalho foi o de possibilitar um espaço profícuo de trocas no grupo composto por jovens e estudantes de Psicologia.

Descritores: Educação Infantil, Arte, Direito a Saúde.

ABSTRACT

This article is the result of a partnership Project New Extension Colors (NUCEPEC UFC) with a Center of Children 's Education, a district of Fortaleza, which consisted ten workshops, with an average of an hour and a half long with adolescents aged 13 to 18 years. The aim was to discuss the Fundamental Rights of the Child and Adolescent. Rights were addressed to health, education, sport, leisure and culture. Among the issues cited, the "Right to Culture" was explored more specifically from a field activity with the artistic groups. The proposal was based on the theoretical perspective of Paulo Freire and Carl Rogers with regard to dialogue, education and the concept of reality.

¹ (Psicóloga, Mestranda em Administração Universidade de Fortaleza)

² (Psicóloga, Mestranda em Psicologia Universidade Federal de Minas Gerais)

³ (Doutora em Educação, Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração Universidade de Fortaleza)

⁴ Graduação em Filosofia, Teologia e Administração de Empresas, Especialização em Assessoria Executiva em Gestão Pública e Privada, Mestrando em Administração de Empresas- Universidade de Fortaleza).

It is emphasized that the main result of this work was to enable a fruitful area of trade in the group made up of young people and students of Psychology .

Descriptors: Child Education , Arts, Right to Health.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de una alianza para nuevo proyecto de extensión de Colores (NUCEPEC UFC) con un Centro de Educación Infantil , un distrito de Fortaleza, que consistía en diez talleres , con un promedio de una hora y media de largo con adolescentes de 13 a 18 años. El objetivo fue discutir los Derechos Fundamentales del Niño y del Adolescente . Derechos iban dirigidas a la salud, la educación, el deporte , el ocio y la cultura. Entre los temas citados , el " derecho a la cultura " se ha profundizado más concretamente a partir de una actividad de campo con los grupos artísticos . La propuesta se basaba en la perspectiva teórica de Paulo Freire y Carl Rogers en relación con el diálogo , la educación y el concepto de la realidad. Se hace hincapié en que el principal resultado de este trabajo fue permitir un área fructífera de comercio en el grupo formado por jóvenes y estudiantes de Psicología .

Descriptores: Educación Infantil , Arte, Derecho a la Salud

PROJETO NOVAS CORES: DE INVENÇÕES A REINVENÇÕES

O Projeto Novas Cores surgiu em 2001, a partir de uma parceria entre o NUCEPEC⁵ e o Instituto Ignez Fiuza⁶, com o objetivo de facilitar, em diferentes comunidades, processos de educação pela mediação da arte, buscando contribuir para a construção da cidadania, estimulando a criatividade e o autoconhecimento.

Fundamenta-se como uma proposta de educação diferenciada, que utiliza a arte como instrumento para a construção da cidadania de crianças e adolescentes, a fim de que esses possam perceber-se como sujeitos de direitos e deveres, portanto, protagonistas ativos no processo de construção de suas histórias e da História.

Propõe, ainda, ser um espaço de discussão sobre todos os assuntos que permeiam estes sujeitos, desde as políticas públicas a eles destinadas, até o exercício de compromisso social, enfatizando o que é

⁵ O Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisas sobre a Criança – NUCEPEC - é um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, vinculado ao Departamento de Psicologia, que surgiu em 1984. Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, através de grupos de estudos, pesquisa, ação direta e ação política. Além disso, o NUCEPEC conta com um acervo de biblioteca, hemeroteca e videoteca, disponibilizado para consulta local pela comunidade.

⁶ Instituição não governamental, sem fins lucrativos, criada em 2002, que busca contribuir para o exercício da cidadania e o desenvolvimento integral do ser humano, estimulando a criatividade, a autonomia e a solidariedade.

colocado no Estatuto da Criança e do Adolescente acerca desse novo olhar sobre a Infância e Adolescência e o que os sujeitos vivenciam.

Desde seu surgimento, o Projeto Novas Cores passou por reformulações, tanto no que se refere à equipe quanto aos campos de atuação. Em 2006.1, as atividades voltaram-se para capacitação da equipe, por meio de grupos de estudo e visitas a outros projetos de Fortaleza que desenvolvessem trabalhos com arte-educação junto a crianças e adolescentes e/ou visitas a locais que pudessem ser futuros campos de atuação.

Estabeleceu-se, então, uma parceria com um Centro de Educação de Crianças e Adolescentes, localizado em um bairro de Fortaleza, a fim de realizar a intervenção proposta.

Essa inserção se constituiu a partir do discurso dos moradores do bairro, em visitas realizadas ao Centro, objetivando conhecer quais eram as principais demandas, problemáticas e potencialidades do lugar e, assim, como o Novas Cores poderia se fazer presente nesse contexto. Emergiram, assim, questões relacionadas à violência, trabalho infantil, uso abusivo de drogas, profissionalização, dentre outros.

Nesse sentido, esse período de conhecimento do Centro, por intermédio do

“reconhecimento” do espaço e das vivências, foi bastante significativo, pois este primeiro contato aproximou o grupo de estudantes das realidades e das problemáticas ali existentes.

Dessa forma, este momento inicial possibilitou vislumbrar uma forma de atuação do Novas Cores no Centro, aproximando a proposta da realidade local. Foi então que se pensou na possibilidade de trabalhar com um grupo de adolescentes, utilizando os direitos fundamentais da criança e do adolescente, inseridos no ECA, conforme o definido no quarto artigo:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2005, p.11).

Diante desse contexto, o trabalho foi iniciado com o objetivo de realizar encontros com adolescentes de 13 a 18 anos do bairro, onde o Centro se encontra, enfatizando a discussão de temas trazidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente - ECA, de forma que estes sujeitos pudessem ser abordados, a partir de experiências cotidianas, fatos concretos do

dia-a-dia desses adolescentes, promovendo uma real troca de experiências entre todos os participantes deste grupo.

Considera-se que esta proposta possibilitou uma forma de abordar as problemáticas relatadas e/ou vivenciadas pelos sujeitos envolvidos. Para isso, trabalhou-se numa perspectiva de defesa e busca da garantia dos direitos e deveres afirmados no ECA, colaborando para uma melhor apropriação deste instrumento de garantia – Estatuto - e da construção de uma sociedade mais digna, solidária e justa.

Nesse contexto, o Novas Cores traz, ademais, a proposta da construção de espaços de expressão, criação e transformação dessas temáticas e vivências utilizando-se das linguagens da arte.

Dentro dos temas sugeridos pelo ECA – especificamente ao trabalhar-se o direito à Cultura - os integrantes do grupo puderam buscar suas identificações e conhecimentos acerca do seu espaço - bairro, vizinhança - de forma a incentivar reflexões sobre “esse espaço que me pertence, ou que não me pertence” e a representação deste lugar.

Estabeleceu-se, então, como desafio, levar uma proposta cujas atividades seriam planejadas juntamente com o grupo. Dessa forma, acreditou-se que juntos seria possível realizar atividades que envolvessem e que

afetassem a todos enquanto sujeitos de construção de nossa própria realidade e de nossa história.

A cada encontro buscava-se deles os temas que mais lhes interessavam e as formas como poder-se-ia abordar. Assim, foram realizadas oficinas semanais, resultando em um total de 10 encontros de, aproximadamente, uma hora e meia, cada. Nessas oficinas, foram discutidas cinco temas dos direitos fundamentais do Estatuto - saúde, educação, esporte, lazer e, de forma mais enfática, o direito à cultura.

Ainda foram realizadas atividades com Círculo de Cultura⁷, colagens, dramatizações, vivências, elaboração de cartazes, dinâmicas, orientação de atividade de campo, dentre outras. Sempre com o objetivo de abordar da melhor forma o tema proposto para a efetivação de um diálogo e de uma discussão de forma que mobilizassem os sujeitos envolvidos.

DIALOGANDO...

As ideias de Paulo Freire estiveram presentes nos encontros no CEIA, propiciando subsídios para a atuação, discussão e reflexão como profissionais comprometidos com a realidade na qual estamos inseridos.

A perspectiva do diálogo trazida por Paulo Freire (2005) foi enfatizada nas atividades, visto que o autor traz essa ideia como o encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo. Logo, não se pode reduzir o momento do diálogo a um simples “depositar ideias” de um sujeito no outro.

Assim, procurou-se enfatizar a troca de conhecimentos entre os integrantes do grupo, incluindo facilitadoras, de forma a valorizar o saber singular de cada sujeito, promovendo espaços para que esse saber pudesse ser compartilhado. É nessa troca de saberes que o sujeito conhece a si mesmo e o mundo que o constitui.

Para Paulo Freire (1983), “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (p. 69). Dessa forma, o autor estabelece a diferença existente entre a simples *extensão* do “pensado” de um sujeito a outro, em que o que ocorre é uma mera transferência ou imposição de saberes e verdades, e a *comunicação* propriamente dita, que seria estabelecida através de diálogos problematizadores, em que se diminui a

distância entre as expressões dos sujeitos participantes da intercomunicação.

Para a o diálogo realmente acontecer, segundo Freire (1983), é necessário, então, que o “signo” tenha o mesmo significado para os sujeitos envolvidos, possibilitando uma compreensão entre estes. Outro aspecto relevante para o conceito de comunicação do autor é o fato desta comunicabilidade permitir a existência de um mundo social e humano, já que, sem a mesma, seria impossível desenvolver um conhecimento humano.

Em todos os encontros, procurou-se estabelecer uma relação dialógica, além de priorizar a construção das oficinas junto com os adolescentes. Nesse sentido, buscou-se tornar os momentos mais próximos das realidades envolvidas, e não simplesmente algo “de fora para dentro”, buscando elementos relevantes para essa construção.

Em todos os encontros, os temas a serem trabalhados eram previamente acordados, ao mesmo tempo em que se colocava a disponibilidade para a mudança do tema, de acordo com o movimento e interesse do grupo.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado no educando -, mas a devoção organizada, sistematizada e acrescentada

⁷Método de trabalho criado por Paulo Freire, em que se utilizam palavras geradoras para fomentar discussões em atividades grupais.

ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2005 p.97)

Paulo Freire (2005) realça, ainda, que o nosso papel não é o de falar ou impor aos sujeitos a nossa visão de mundo, mas dialogar sobre essas percepções, visto que cada visão de mundo reflete a forma como cada sujeito se constitui no mundo.

Os temas, em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos. Um mesmo objetivo pode provocar, numa subunidade epocal, um conjunto de temas geradores, e, noutra, não os mesmos, necessariamente. Há, pois, uma relação entre o fato objetivo, a percepção que dele tenham os homens e os temas geradores. (FREIRE, 2005 p.115).

Semelhante a esta ideia, destaca-se também a colaboração de Carl Rogers (1977), quando esse lança o desafio de definir a realidade, colocando-nos diante de alguns exemplos cotidianos, nos quais tenta-se defini-la. O autor observa a existência de percepções e crenças diversas e, conseqüentemente, várias realidades, com níveis e dimensões também variados. Assim, o “mundo real” que buscamos e/ou a que nos referimos parece começar a se dissolver.

Diante da possibilidade/constatação de que há experiências diversas de realidade, Rogers coloca uma nova (e segundo ele, surpreendente) constatação:

A única realidade que me é possível conhecer é a do mundo e universo como eu o percebo e vivencio neste momento. A única realidade que é possível você conhecer é a do mundo e universo como você o percebe e vivencia neste momento. E a única certeza é a de que estas realidades percebidas são diferentes uma da outra. Os 'mundos reais' são tantos quanto às pessoas (ROGERS, 1977, p.189).

Embora existam semelhanças, Rogers (1977) enfatiza que essas diversas percepções produzem realidades singulares, desconsiderando a existência de fatos objetivos e concretos, colocados por Paulo Freire (2005), pois, para o primeiro, as construções de realidade partem de referenciais centrados na pessoa.

Essas pessoas – adolescentes do trabalho aqui relatado-, por sua vez, formavam um grupo. Sobre esse, Lane (1984) aponta o grupo como:

Condição necessária para conhecer as determinações sociais que agem sobre o indivíduo, bem como a sua ação como sujeito histórico, partindo do pressuposto que

toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam. (LANE, 1984, p.78)

No entanto, retomando Rogers (1977), quando esse autor questiona, a partir do que foi explanado anteriormente, se é necessário “uma” realidade, questiona-se ainda, com o autor, a existência em um grupo de um só “mundo real” com o qual todos concordem. Rogers (1977), então, manifesta suas ideias alternativas à concepção de realidade única, trazendo o exemplo da vivência em comunidade, apontando uma tendência à abertura da exploração das várias percepções de realidade que existem, assim como a vivência comunitária enfatizada na convivência destas múltiplas realidades:

Penso que a base em que se apoiaria a comunidade não seria um compromisso cego para com uma determinada causa, doutrina ou perspectiva da realidade, mas um compromisso assumido por cada um para com todos os outros como pessoas legitimamente distintas, com realidades distintas. (ROGERS, 1977, p.191).

Nesse ponto, é importante colocar que considerando estes referenciais citados na relação com a prática vivenciada, durante todo o percurso no Centro, algumas inquietações

surgiram e foram, inclusive, temas de muitas supervisões. Tais inquietações tratavam-se originalmente do suposto “não envolvimento” dos adolescentes nos trabalhos propostos e o sentimento de não implicação por parte desses no trabalho realizado. Além disso, foi percebida pelo grupo uma expectativa de que as atividades fossem sempre conduzidas pela equipe facilitadora. Quando os adolescentes eram colocados na posição de co-facilitadores do processo, constatou-se um certo estranhamento nos mesmos.

Desse modo, esse estranhamento pode refletir um contexto histórico-cultural em que estes sujeitos – adolescentes do grupo - estão inseridos, reproduzem padrões de “ser/estar no mundo”, caracterizados, dentre outros, pelo não reconhecimento de suas potencialidades humanas.

Sobre isso Paulo Freire diz:

Ainda quando um grupo de indivíduos não chegue a expressar concretamente uma temática geradora, o que pode parecer inexistência de temas sugere, pelo contrário, a existência de um tema dramático: o tema do silêncio. Sugere uma estrutura constituinte de mutismo ante a força esmagadora de ‘situações-limite’, em face dos quais o óbvio é a adaptação. (FREIRE, 2005 p. 114).

Baseado em Paulo Freire (2005), observa-se que na sociedade atual a cultura de Educação Bancária é bastante forte e ainda presente. Sendo, pois, bastante audacioso esperar que alguns encontros semanais, durante pouco mais de uma hora e meia, tragam uma transformação imediata.

A este respeito, destaca-se que Lane (1984), a partir de uma revisão teórica, levanta algumas premissas para se conhecer o grupo, considerando a relação deste com a sociedade na qual se insere. A primeira delas consiste em que “[...] o significado da existência do grupo só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade [...]” e a segunda diz que “[...] o próprio grupo só poderá ser reconhecido enquanto um processo histórico [...]”(LANE, 1984, p. 81). Por essa razão, a escolha desta autora em falar de processo grupal, em vez de grupo.

Desse modo, os grupos exercem uma função histórica de manterem ou transformarem as relações sociais decorrentes das relações de produção, da constituição mesma da sociedade capitalista que gera relações desiguais, em uma relação dialética passível de superações, ocorrida entre homem e ambiente, que implica a construção recíproca do homem e do seu meio, ou seja, o homem constrói e reconstrói o meio e é também construído e reconstruído por

este, indo para além das determinações naturais, e se constituindo socialmente em uma relação indivíduo-ambiente social.

Assim, em relação ao estranhamento relatado anteriormente, percebe-se que a iniciativa de diálogo gerou bons frutos no Centro, visto que, diante dos discursos, pode-se inferir que os adolescentes puderam refletir sobre esse novo modo de atuar, de fazer parte de um grupo e de trocar experiências, da mesma forma que compartilhar conhecimentos.

Percebeu-se a constatação acima no momento de avaliação, em que eles trouxeram a questão da autonomia como algo novo em suas vivências de oficinas, sendo, portanto, um primeiro passo no sentido da construção de uma forma de saber mais autônoma e significativa em suas vidas.

Na apresentação do último tema trabalhado – cultura – propôs-se que o grupo de adolescentes se dividisse em subgrupos, com o fim de que fossem a campo na busca de “expressões artísticas” do bairro do Centro estudado. Esta atividade tinha o objetivo de colaborar com uma maior relação de cuidado e apropriação com o espaço de convivência, por intermédio da construção de uma relação de identificação com a cultura local, a partir do conhecimento de diversos movimentos artísticos deste bairro.

Segundo Pol (1987/1994), este processo de apropriação é descrito como uma relação dialética e cíclica entre duas componentes, a “ação-transformação” e a “identificação simbólica”. Essas possibilitam, através de processos de interação, a atribuição de significados individuais e sociais aos espaços.

Posteriormente, os grupos pesquisados foram apresentados e algumas discussões foram exploradas sobre aspectos que emergiram durante este processo. Nessa atividade, utilizou-se ainda como referência ao autor Roberto Damatta (1986), quando este trata do conceito de Cultura, construído na Antropologia Cultural e na Sociologia.

Damatta (1986) questiona sobre a compreensão de cultura, apresentando situações de usos dessa palavra, quando, por exemplo, é associada à sofisticação, sabedoria, educação (em um sentido mais restrito), possibilitando, dessa forma, que a ideia de cultura seja utilizada como algo que classifica e discrimina, criando hierarquias culturais.

Além deste uso, o autor apresenta a cultura como uma ideia, um conceito, uma categoria intelectual, com a qual se pode compreender melhor o que acontece no mundo. Consiste num conceito-chave da Antropologia para a interpretação da vida social:

Cultura não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de 'civilização', mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (DAMATTA, 1986, p.123)

Assim, para Damata (1986) a cultura é considerada um conceito que está dentro e fora de cada um de nós, existindo como gêneros “[...] que são equivalentes a diferentes modos de sentir, celebrar, pensar e atuar sobre o mundo [...] e [...] podem estar associados a certos segmentos sociais.” (p.124). Traz, portanto, uma nova perspectiva de compreensão, diferente daquela de hierarquização de culturas, como mais ou menos avançadas, desenvolvidas ou, mesmo, mais ou menos cultura.

Nessa direção, o trabalho de campo proposto, relacionado à cultura do bairro estudado, buscou perceber estas diversas expressões artísticas e os aspectos implicados em cada sujeito participante, compartilhando com o autor a ideia da não hierarquização das diferentes culturas.

Nesse sentido, com as apresentações dos trabalhos de campo, concluiu-se que as atividades com os adolescentes no Centro

geraram novas formas de trocas culturais a partir do diálogo, porém ficou o desejo de facilitar em outros espaços caracterizados pela diversidade, pelo diálogo problematizador, pela aprendizagem através da criatividade, por potencialidades de existência e, pela mediação da “arte”, buscando nela e através dela uma forma de estar no mundo, mais consciente de seu percurso, incluindo a temática direitos e deveres e, acima de tudo, vivenciando formas mais humanas, mais belas e mais vivas de existir.

CAMINHOS POSSÍVEIS...

As atividades realizadas proporcionaram espaços ricos para a formação pessoal e cidadã, tanto para os profissionais envolvidos quanto para o grupo de adolescentes. Essa experiência dialógica possibilitou, aos envolvidos, facilitarem discussões sobre variados temas, sempre centradas nas potencialidades, conhecimentos, experiências e, principalmente, sobre os direitos, deveres e o exercício da cidadania social naquele grupo de adolescentes do Centro Educacional.

Acredita-se que o adolescente, inserido em práticas que se caracterizam como possibilidades de transformação positiva, visando sempre à qualidade de vida do sujeito, traz um crescimento pessoal.

As dificuldades foram muitas, porém observa-se que as mesmas podem ser reflexos de uma transformação latente, que caminha num processo de rupturas e construções. Este processo foi percebido nas experiências vividas com os adolescentes, quando, no processo de caminhar como grupo, por vezes, buscou-se a implicação de todo o grupo – adolescentes e facilitadores – na elaboração das atividades, transformando o espaço em um lugar que “nos pertence” e com o qual “nos identificamos”.

É nesta relação indissociável entre teoria e prática, realizada por intermédio de um Projeto de Extensão Universitária – Novas Cores, que se acredita ser possível buscar caminhos e espaços para abordagem e resolução de conflitos, de promoção de saúde e bem-estar, para compartilhar conhecimentos e produzir saber. Com o conhecimento das especificidades de cada espaço, confrontando aspectos pesquisados e referenciados, a partir da relação teoria e prática, torna-se possível legitimar atividades que qualificam a sensibilidade do profissional diante dos fenômenos, aguçando os questionamentos e o senso crítico, possibilitando a perspectiva de lidar de forma comprometida e como sujeitos ativos, capazes de transformações históricas e sociais.

]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. (2005). Lei Federal N.º 8.069. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza.
2. DAMATTA, Roberto. **Explorações: Ensaio de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
3. FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
4. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
5. LANE, Silvia T. M. e CODO, Wanderley (orgs.). **Psicologia Social: o Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
6. POL, Enric. La apropiación del espacio. (1987/1994) In: IÑIGUEZ, L. e POL, Enric. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona,

Monografies Psico/ Sócio/ Ambientais
n.10, 1987/1994.

7. ROGERS, Carl Rason e Rosenberg, Rachel L. **A Pessoa como Centro**. São Paulo: EPU, 1977.

Sources of funding: No
Conflict of interest: No
Date of first submission: 2013-12-16
Last received: 2014-01-31
Accepted: 2014-02-08
Publishing: 2014-05-30